

Hipóteses sobre o Desenvolvimento de Nasalidade Espontânea em uma Língua Aruák

Sidi Facundes, Ana Paula Barros Brandão¹

Universidade Federal do Pará, CLA/DLLV
Rua Augusto Corrêa, S/N, Guamá, 66.075-900, Belém, Pará, Brasil
sidifacundes@aol.com, warirei@yahoo.com.br

Abstract. *Spontaneous nasality is investigated in the Apurinã language as it relates to the combination of certain vowels and to the glottal fricative consonant. Three hypotheses attempt to explain the historical nature of the phenomenon, with implications for the studies of the historical development of Arawak languages and for the ontogenesis of spontaneous nasality.*

Keywords. *spontaneous nasality, Apurinã, Arawak, Piro, Iñapari.*

Resumo. *A nasalidade espontânea é analisada na língua Apurinã e relacionada à presença de duas vogais adjacentes e da consoante fricativa glotal. Três hipóteses buscam explicar a natureza histórica desse fenômeno, com implicações importantes para os estudos sobre o desenvolvimento histórico de línguas aruák e ontogênese da nasalidade espontânea.*

Palavras-chave. *nasalidade espontânea, Apurinã, Aruák, Mantinéri, Iñapari.*

1. Introdução

O grupo lingüístico Aruák (ou Maipure) tem sido postulado desde 1782. Nosso objetivo é contribuir para os estudos sobre o desenvolvimento histórico das línguas Aruák através do método de reconstrução interna aplicado a dados da língua Apurinã e a dados das línguas geneticamente mais próximas desta: Mantinéri (também chamada Piro ou Manitenéri ou Maxinéri, dependendo da região ou subgrupo da mesma etnia, Matteson, 1975, 1994) e Iñapari (Parker, 1995, 1999; PAYNE, 1993; FACUNDES, 2000 e 2002a). Enfocaremos a nasalidade espontânea, apresentando uma das prováveis fontes do desenvolvimento desse fenômeno na língua. O termo "nasalidade espontânea" refere-se ao surgimento de uma vogal nasal em ambiente completamente oral.

Inicialmente apresentaremos os dados que demonstram o *status* contrastivo da nasalidade vocálica em Apurinã. Em seguida, distinguiremos entre as vogais que são inerentemente nasais e aquelas (as nasais derivadas) que derivam a sua nasalidade do ambiente fonológico em que ocorrem. Finalmente, discutiremos algumas hipóteses sobre o surgimento da nasalidade espontânea nessa língua.

2. Contrastes entre vogais orais e nasais

Em Apurinã há dados que demonstram o contraste fonológico entre vogais curtas orais e vogais curtas nasais, como atestam os pares mínimos em (1-5):

1a. /a/	anapa	‘Nós passamos.’	b. /ã/	anãpa	‘cão’
2a. /e/	tatape	‘polpa de umari’	b. /ẽ/	tatapẽ	‘suco de umari’
3a. /i/	ik^heta	‘ele atira’	b. /ĩ/	ĩk^heta	‘noite’
4a. /i/	upiti	‘genitália dela’	b. /ĩ/	upĩti	‘terreiro dela’
5a. /u/	tuti	‘vovô’	b. /ũ/	tũti	‘jacu’

Nos casos a seguir, apresentamos alguns pares de palavras que demonstram o contraste também entre vogais longas orais e vogais longas inerentemente nasais.

6a. /a:/	a:pukutʃi	‘aldeia’	b. /ã:/	ã:pitsa	‘cipó’
7a. /e:/	paveru	‘aruanã’	b. /ẽ:/	pavê:reru	‘é bonito’
8a. /i:/	kiri	‘cunhado’	b. /ĩ:/	kĩ:ri	‘rato pequeno’
9a. /i:/	i:	‘Sim!’	b. /ĩ:/	ĩ:	‘gordura’
10a. /u:/	pu:ma	‘quente; reimoso’	b. /ũ:/	utũ:	‘rosto dela’

Já nos exemplos abaixo, temos alguns pares que ilustram o contraste de quantidade entre vogais inerentemente nasais (curtas vs. longas).

11a. /ã/	ãpikiri	‘urucum’	b. /ã:/	ã:pitsa	‘cipó’
12a. /ẽ/	têteri	‘porquê (grande)’	b. /ẽ:/	tê:ta	‘testa’
13a. /ĩ/	kĩturi	‘cigarra’	b. /ĩ:/	kĩ:ri	‘rato pequeno’
14a. /ĩ/	ĩpurã	‘água’	b. /ĩ:/	ĩ:pe	‘banha’
15a. /ũ/	tũti	‘jacu’	b. /ũ:/	tũ:	‘rosto’

Podemos concluir que o contraste de nasalidade vocálica permeia o sistema fonológico da língua Apurinã, pois interage tanto com vogais curtas, quanto com vogais longas. Antes de examinar o surgimento desse contraste na língua, precisamos descrever alguns processos morfofonológicos associados às vogais nasais derivadas.

3. Vogais Nasais Derivadas

Em Apurinã, além das vogais inerentemente nasais, há aquelas que são derivacionalmente nasais, pois resultam de um processo morfofonológico. Esse processo ocorre quando, ao acrescentarmos proclíticos² terminados em vogais (com exceção do /i/) à raiz de uma palavra iniciada também por vogal, as duas vogais são pronunciadas como uma vogal nasal longa (16a,b,d) ou, então, como duas vogais nasais (16c, e-j).³ Podemos resumir esse processo na forma da Regra 1, em (17):⁴

16a. /a+a/	[a_] ‘1PL’ + [apa] ‘buscar’ = [ã:ba]	‘nós buscamos’
b. /a+e/	[a_] ‘1PL’ + [e^hrêga] ‘sangue’ = [ẽ^h:rêga]	‘nosso sangue’
c. /a+i/	[a_] ‘1PL’ + [i^hri] ‘pai’ = [ã^h:ri]	‘nosso pai’

d. /a+i/	[a_] ‘1PL’ + [i'tari] ‘irmão’ = [ãi'tari]	‘nosso irmão’
e /a+u/	[a_] ‘1PL’ + [u'pãana] ‘fígado’ = [ãũ'bãana]	‘nosso fígado’
f. /u+a/	[u_] ‘3F’ + [l'api] ‘osso’ = [ũ'wãbi]	‘osso dela’
g. /u+e/	[u_] ‘3F’ + [l'epiri] ‘irmão caçula’ = [ũwẽ'biri]	‘irmão caçula dela’
h /u+i/	[u_] ‘3F’ + [l'iri] ‘pai dela’ = [ũiri]	‘pai dela’
i. /u+i/	[u_] ‘3F’ + [i'taru] ‘irmã’ = [ũitaru]	‘irmã dela’
j. /u+u/	[u_] ‘3F’ + [l'uka] ‘matar’ = [ũ:ga]	‘ela mata’

17. Regra 1: [-alta,-central] → [+nasal] / ___+V

Quando o proclítico termina em [i] '3M', ele desaparece diante da vogal que inicia a raiz da palavra, sem que haja qualquer nasalização vocálica, como atestam os dados em (18). Esse processo é resumido na forma da Regra 2 em (19):

18a. /i+a/	[i_] ‘3M’ + [a'pa] ‘buscar’ = [a'pa]	‘ele busca’
b. /i+e/	[i_] ‘3M’ + [e'tama] ‘ver’ = [e'tama]	‘ele vê’
c. /i+i/	[i_] ‘3M’ + [i'rika] ‘cair’ = [i'rika]	‘ele cai’
d. /i+i/	[i_] ‘3M’ + [l'iri] ‘pai de’ = [l'iri]	‘pai dele’
e. /i+u/	[i_] ‘3M’ + [l'uki] ‘olho de’ = [l'uki]	‘olho dele’

19. Regra 2: [+alta,+central] → Ø / ___+V

No entanto, se há uma fricativa glotal iniciando a raiz, o proclítico terminado em [i] se mantém, mas torna-se nasalizado; já a fricativa glotal desaparece quando precedida pelo proclítico, como mostram os dados em (20):⁵

20a. /i+ha/	[i_] ‘3M’ + [ha'rita] ‘bater’ = [ĩa'rita]	‘ele bate’
b. /i+he/	[i_] ‘3M’ + [he'rêga] ‘sangue’ = [ĩe'rêga]	‘sangue dele’
c. /i+hi/	[i_] ‘3M’ + [hi'mata] ‘copular’ = [ĩr'mata]	‘ele copula’
d. /i+hĩ/	[i_] ‘3M’ + [hĩvi] ‘flor de’ = [ĩvi]	‘flor dele’

Essa fricativa glotal apresenta uma distribuição fonotática restrita, pois somente ocorre no início de algumas palavras, exceto quando precedida pela forma reduzida do pronome independente (um clítico simples) de primeira pessoa do singular, [nu#], que se cliticiza preso ao verbo, como mostram os dados de (21) a (24):

21a. [he'rêga]		‘sangue’
b. [ni_] ‘1S’ + [he'rêga] ‘sangue’ = [niẽ'rêga]		‘meu sangue’
c. [nu#he'rêga]		‘meu sangue’

- 22a. [ha'rita] 'bater'
- b. [a_] '1P'+ [ha'rita] 'bater' = [ã'rɨta] 'nós batemos'
- c. [nu#ha'rita] 'eu bati'
- 23a. [hã'buta] 'abano'
- b. [pɨ_] '2S' + [hã'buta] 'abano' = [pĩã'buta] 'teu abano'
- c. [nu#hã'buta] 'meu abano'

Portanto, dois processos fonológicos dão conta dos dados de (20) a (23): um que provoca a nasalização de [i], outro que provoca o apagamento de [h]. Como já determinamos que a nasalização das vogais ocorre quando elas co-ocorrem adjacientemente, poderíamos utilizar esse mesmo processo, em (17), para explicar a nasalização nesses dados. Com isso, essa Regra descreve corretamente a nasalização que se manifesta no dado (22b), onde aparecem os proclíticos: [a_] e [u_]; porém, de acordo com essa Regra, a vogal [i] não deveria se nasalizar nos proclíticos [ĩ_], em (20), [ni_], em (21b) e [pɨ_] em (23b). Além disso, a Regra 2, em (19), prevê o apagamento dessa vogal diante de outra vogal. Para evitar postular um processo que contradiga outro já existente, podemos descrever os dois processos fonológicos através de sua aplicação sequencial, de modo que primeiramente ocorreria a nasalização da vogal diante da fricativa glotal, seguida então do apagamento dessa consoante. Podemos então resumir esse processo na forma das Regras 3 e 4, em (24):

24. Regra 3. [+alta,+central] → [+nasal] / ___+hV

Regra 4. h → Ø / V+___

Uma implicação dos processos representados pelas regras de 1 a 4 é que não haveria vogais longas orais derivadas nas variedades do Apurinã em que tais princípios se aplicam, o que é confirmado pelos dados. Além disso, em termos puramente sincrônicos, o resultado da análise representada nas regras supramencionadas permitem a associação do surgimento da nasalidade vocálica espontânea à presença da consoante fricativa glotal e/ou à simples adjacência de duas vogais (sendo que a primeira não pode ser a vogal alta central). A seguir, discutiremos algumas hipóteses sobre a origem da nasalidade espontânea representada pelas Regras 1 e 3.

4. Hipóteses sobre o desenvolvimento da nasalidade espontânea

Podemos propor explicações de ordem sincrônica ou diacrônica para o surgimento da nasalidade nos ambientes descritos nas Regras 1 e 3. A primeira hipótese seria de que haveria uma consoante fricativa glotal, subjacente ou flutuante (no sentido da Fonologia Auto-segmental) no início de todas as palavras foneticamente iniciadas por vogais em Apurinã.⁶ Por alguma razão, provavelmente histórica, algumas palavras realizam essa consoante como um segmento fonético inicial, outras não. Com isso, as Regras 1 e 3 teriam *status* sincrônico e o conhecimento sobre quais palavras seriam iniciadas ou não pela fricativa glotal seria de ordem lexical, ou seja, teria de ser memorizado pelos falantes. Embora essa hipótese não objetive explicar a evolução ou origem da nasalidade espontânea na língua, ela tem ao menos uma consequência de

relevância histórica, pois, implica que Apurinã compartilharia com a língua Mantinéri (MATTESON, 1994), em um nível bastante abstrato da análise do Apurinã, uma mesma restrição fonotática: nenhuma palavra na língua seria iniciada por vogal.

A segunda hipótese seria explicitamente histórica e postularia a existência de uma fricativa glotal no início de toda palavra que, de outro modo, seria iniciada por vogal em pré-Apurinã (*i.e.* um estágio anterior da língua). Essa hipótese seria mais empírica que a anterior, pois não requer um nível bastante abstrato em que Apurinã e Mantinéri compartilhariam de uma mesma restrição fonotática; ao contrário, a hipótese simplesmente sugere que essa restrição já fazia parte de um estágio anterior ao Apurinã atual, possivelmente de sua língua mãe, o proto-Apurinã-Mantinéri. Durante a cisão que deu origem a Apurinã e Mantinéri, esta manteve a restrição fonotática em todo o seu vocabulário, enquanto aquela inovou ao preservar a restrição em apenas parte do vocabulário -- o que daria conta da presença da fricativa glotal somente no início algumas palavras e não de outras. A verificação dessa hipótese é possível em uma investigação histórico-comparativa que permita a reconstrução das restrições fonotáticas em proto-Apurinã-Mantinéri e que, esperamos, nos permita determinar as partes do vocabulário que mantiveram ou não a fricativa glotal inicial.

A terceira hipótese, também histórica, presume que apenas algumas palavras que, de outro modo, seriam iniciadas por vogal, de fato seriam iniciadas pela fricativa glotal; o processo de nasalização teria se generalizado para todo o vocabulário da língua Apurinã por analogia aos casos foneticamente motivados pela presença da fricativa glotal. Esta proposta não se opõe completamente à segunda hipótese, pois pode ser aplicada em um estágio que antecede ao proto-Apurinã-Mantinéri. Dados da língua Iñapari (PARKER, 1999) sugerem a possibilidade de a terceira hipótese ter sido aplicada ao Proto-Apurinã-Mantinéri-Iñapari. Estudos comparativos dessas línguas (FACUNDES, 2002a; Ms.) apresentam evidências da relação entre a fricativa glotal e o surgimento de nasalidade espontânea, em que a presença da fricativa glotal em duas das três línguas corresponde ao surgimento da nasalidade vocálica na terceira língua:

26a. Apurinã: **ãpikiri** ‘urucum’ b. Piro: **hapixri** ‘urucum’ c. Iñapari: **hapísiri** ‘urucum’

Ao adotarmos a terceira hipótese, poderíamos explicar a restrição fonotática em Mantinéri como uma inovação por analogia à parte do vocabulário que apresentava a fricativa glotal inicial. Apurinã e Iñapari, por outro lado, teriam herdado, ao menos parcialmente, a restrição fonotática de proto-Apurinã-Mantinéri-Iñapari ao preservarem a fricativa glotal inicial em parte do seu vocabulário.

O estado atual do trabalho histórico-comparativo aponta para uma combinação das duas últimas hipóteses como a melhor forma de explicar o fenômeno da nasalização espontânea em Apurinã, com implicações quanto ao agrupamento interno envolvendo as três línguas. Tais implicações ainda estão sendo investigadas.

¹ Apoio financeiro para essa pesquisa veio do Endangered Languages Documentation Programme/SOAS, do CNPq e da Universidade Federal do Pará (UFPA). A segunda autora atualmente é Bolsista do Programa de Iniciação Científica da UFPA.

² O status sintático das formas pronominais presas em Apurinã é discutido em Facundes, 2002c.

³ Evidências das formas básicas utilizadas nos exemplos estão em Facundes, 2000 e 2002b.

⁴ "+"=fronteira de morfema, "# "=fronteira de palavra, "_ "=fronteira de morfema clítico.

⁵ Há variação em termos de se somente a vogal alta central se nasaliza ou se as duas vogais adjacentes nasalizam-se. Essa variação está associada à velocidade da fala.

⁶ A fundamentação fonética para a relação entre nasalidade e consoantes glotais é apresentada por Ohala (1993) e Mattisoff (1975).

5. Referências citadas

FACUNDES, Sidney da S. Spontaneous Nasality in Arawak. (Ms., capítulo de livro em preparação).

_____. Historical Linguistics and Its Contribution to Improving the Knowledge of Arawak". In: *Comparative Arawakan Histories*, edited by Jonathan Hill and Fernando Granero. Illinois: University of Illinois Press, 2002a.

_____. "Notas sobre a Elaboração de Ortografias para Línguas sem Tradição Escrita". In: BRITO, C. (Org.). *Ensino e Aprendizagem*. Belém, 2002b.

_____. "Morfemas "Flutuantes" em Apurinã (Aruák) e a Tipologia dos Clíticos. *Liames*, Editora da UNICAMP, Campinas, n. 2, p. 63-83, Primavera 2002c.

_____. The Language of the Apurinã People of Brazil (Arawak). University of Oregon: Ph.D Dissertation, 2000.

MATTESON, E. Piro. In: *Encyclopedia of World Cultures*, edited by Johannes Wilbert, 1, 7:278-281, New York: G. K. Hall & Co, 1994.

_____. *The Piro (Arawakan) Language*, Berkeley: University of California Press, 1965.

MATISOFF, James A. Rhinoglottophilia: The mysterious connection between nasality and glottality. In: *Papers from a symposium on nasals and nasalization*. Editado por Charles A. Ferguson, Larry M. Hyman, John J. Ohala. Califórnia: Stanford University, 1975.

OHALA, John J.; OHALA, Manjari. The phonetics of nasal phonology: theorems and data. In: HUFFMAN, Marie K.; KRAKOW Rena A. (eds.). *Nasals, nasalization, and the velum*. [Phonetics and Phonology Series, Vol. 5]. San Diego, CA: Academic Press. 225-249, 1993.

PARKER, Steve G. A Sketch of Iñapari Phonology. *International Journal of American Linguistics* 65, 1:1-39. Chicago: The University of Chicago, 1999.

_____. *Datos de la Lengua Iñapari*. Perú: Ministério de Educacion, Instituto Lingüístico de Verano, 1995.

PAYNE, David L. Classification of Maipuran (Arawakan) Languages Based on Shared Lexical Retentions. In: *Handbook of Amazonian Languages*, vol. 3, pp.355-499, edited by D. C. Derbyshire and G. K. Pullum, 1993.